

Palavras Devidamente Ajuntadas

Sergio Vasconcelos

Palavras e ideias que me ocorrem desde os tempos
idos... Sonetos, poesias, poemetos... Me meto a contar
minha histórica com alguma rima, algum ritmo. Nem
sempre calmas ideias, nem sempre suaves palavras.
Mas sempre ditas com tudo o que penso, com tudo o
que sinto.

Sergio Vasconcelos
Junho / 2020

SUMÁRIO

1. OCASO
2. QUIMERAS
3. DOR
4. AS MORTES DE MIM
5. TEMPOS IDOS
6. PARTO
7. AS CICATRIZES QUE TRAGO
8. MOMENTO NADA DE MIM
9. MUDANÇAS
10. ODE À BELCHIOR (ELE ESTAVA CERTO)
11. BUMERANGUE
12. EU SOUL DE SANGUE
13. SOLIDÃO
14. SHAKESPEARE TAVA CERTO (OU NEM TANTO)
15. AVE EU, AVE TU, AVE ATÉ OS BURACOS DO TATU
16. A BUSCA
17. LIGUE O FODA-SE (SE, SI, CONSIGO, ME, MIM,
COMIGO)
18. BÚSSOLA
19. REFLEXO
20. SOU UMA BOMBA PRESTES A EXPLODIR DE GASES,
DE TÉDIO OU DE ADRENALINA

1995

OCASO

E quando um tiro só já não for suficiente?
Prá que sangrar a ferida aberta do desprezo, já que nem tarda
A dura vida amarga, o desespero?
Sangrar alguns lombos carcomidos
Já não seduz a fome: Desatina!
Cansado, quase ausente, já dormido, já dormente...

Putrefato, altruísta: Já não mente.
Alivia a dor, oprime e experimenta!
Vã ilusão de desrespeito só e presente!
Ilusionista Kamikaze protelando o inevitável vômito
condizente:
Agora ama só e tão somente

A doce rosa púrpura do poente!

04/05/1995

Recife-PE

1997

QUIMERAS

Ah! Quem dera

Uma vaga Luz, podendo ser até aquela mera
Quimera

A perfumar com sabor de âmbar

Ou cor de anis

Essa fraca luz cinza

Nesse miolo de vazio intenso

No meio do qual até hoje

Inda penso...

23/10/1997

Recife-PE

DOR

Ah! Dor sublime de maldito cansaço!
Em ti me procuro, me chacino, me acho!
Dor de efêmero desejo cortado...

Dor de prazer rompido, despido, calado.
Não quero mais saber de ti, dor lancinante!
Toma de mim estas lembranças quebradas...
Tira de mim este cheiro de mofo!

Destrói prá sempre este maldito semblante!
A me torturar, já bastam os prazeres tidos...
Todos os desejos, ora rompidos...
Chega de bater impune à minha porta!

Sangre tal qual artéria aorta
Leve de mim esta maldita teia morta
A feder a dor que senti,

Ao saber que já não és mais minha...

1998

16/10/1997

Recife-PE

As Mortes de Mim

De repente vejo o que de mim ausente
Se parte, se quebra, vai embora
Choca, desarruma, me deixa dormente
Nessa velha sensação, de novo, agora...

Algo de dor, muita mágoa
Escorre em meu rosto
Leve gota d'água
E me conduz, novamente, este posto

Vejo algo nem sempre claro
A misturar coisas nessa alquimia
Algo de dor, restos de sonho
Muito daquela velha fantasia

Acho agora não muito ruim
Carregar este fardo tão pesado
Todas as mortes contidas em mim
E eu, lerdo, morto, (E)Aqui_parado!!!

24/03/1998

Recife-PE

Tempos Idos

Por trás dessa grade vermelha
Cor de rosas, preso, cor de luto
Imagino que a vida é vela
Lá se foi meu tempo, o que restou é curto

Quero lembrar daquele velho tempo
Quando de nada eu queria lembrar
Dançar, tecer um movimento
E segui-lo indo até cansar...

Ah! Essa solidão, constante, companheira
Dessa estrada não conheço o caminho
Só que estou lento, triste, sorrateiro
Descendo a ladeira, da janela, só e rindo

Já não dá mais prá voltar
Fugir?!? Nem pensar...
Só me resta encarar:
Você foi embora...
Mas... Ficou do meu lado, o teu lugar...
só me resta encarar:
Eu nem fui embora...
Mas... Fiquei ao teu lado, em meu lugar...

26/03/1998
Recife-PE

1999

Parto

Sou ali agora

Naquele Quem-Me-Quer

Bem ou mal de mim

Querendo o que tiver

Sou ali de novo

Roendo agora a unha, mordendo agora o ovo

Reinventando as alcunhas

Bem na cara do povo

Bem ou mal de mim

Naquele Quem-Me-Quer

Vou chegando ao fim

De um estado qualquer

Mordo agora a unha

Rôo agora o ovo

Não dá prá confundir

Você deixou de olhar

28/07/1999

Recife-PE

2000

As Cicatrizes Que Trago

Todas as cicatrizes que trago
Me compõem, me alargam
Me subvertem e desagradam
Se convertem em fardo
Que transporte e afago
Traduzidas, têm gosto amargo
Diluídas, se perdem
Se convertem em fatos
Só que já consumidos
Metade deles, consumados
Cobradas, geram cansaço
Sonolência, enfado!
As cicatrizes que trago...

17/03/2000

Recife-PE

2012

Momento NADA de Mim...

Agora eu quero a superfície, a nata
O que era prá ser intenso, morgou...
Nada mais lambuza o verbo
Nem o sonho, nem quem o sonhou...
A secura do meio intenso
Dourou a pílula o suficiente
Prá camuflar de doce o acre
Prá descobrir a secura e a dor...
Agora quero o escuro,
O obscuro e a flor...
De toque suave, quase ausente...
Em nada profundo, em nada calor...
A mentira do efêmero,
A doçura do indolor,
A loucura do momento,
E a insensatez do ardor...
Dois corpos não ocupam o espaço tempo
Destinado a um só...
O que determina a dureza
É vão e momento...
Suave prá quem sofre,

Feroz prá quem doa
Mordaz prá quem assiste...
Como se em momento algum sentisse...
A aridez do torpor...

07/09/2012

Olinda-PE

2019

Mudanças

Ela é igual Igual a mim, igual a você
Ela é comum
Como todo mundo é
Ela é do mundo
E no mundo vagou
Ela foi sozinha
Como só nasceu
Ela cresceu
E soltou o conteúdo que havia
E que eu não via
Ela saiu
E para voltar tá decidida
Ela quer ser minha
De novo
Como se voltasse prá dentro do ovo
A gema, a clara derramadas no chão
Ela quer voltar e isso é o que mais quero
Ela sendo minha
De novo
E como minha receber de mim o mundo
E o todo
E o tudo mais que há

Mas agora também há um nada
Que tranco dentro de mim
Por horas, fico amargo ao acordar
Meu sentir, meu pensar, meu pesar
Do meu tudo faz parte
Sua boca
Seu sexo
Seu nexo
E meu plexo solar que descompassado, bate
Sem nenhum paradoxo
Ela sou eu próprio
Desapropriado de mim
Desconexo, incerto, doído
De certo mesmo, a certeza de ficar
E de não ter percebido
Ou de até tê-lo
E pior, preferido não tê-lo
Ela é o meu mundo
Pelo menos é o que ainda há

E haverá algo como antes havia?
O tempo dirá?
A decisão mais dura a tomar:
Dar ao tempo, tempo para amar
De novo

De voltar a ser ovo

Voltar a viver pleno

Voltar a não perceber, (mesmo sabendo)

O crescer, o mudar, o livre vaguear

No mundo

Como uma igual a todo mundo.

12/01/2019

Olinda-PE

Ode a Belchior (Ele estava certo)

Caminhar a esmo Pelos termos
Não ditos, calados, comidos
Caminhar pelas palavras mal ditas
Engolidas antes de se falar
Trazem um estranho estado de estar
Por vezes engolido num trago
Às vezes meramente vomitados
Para dentro, trancados desde seu centro
Agora que o futuro é passado
A limpo, a sangue, mas sempre calado
Conduz a caminhos inusitados
Tornando ermos meus estados de estar
De repente vem uma fome
E uma vontade de morder
Rasgar com os dentes as carnes
Comer os desejos, me lambuzar
É rápido o suceder de ideias,
De delicados atos a pecados ermos,
Estados de espírito errantes
Como se nunca tivessem havido antes
Mas há
Essa fome, esse desejo, esse querer ficar,
E esse errante sentido de pesar

Os prós e os contras
Se debatem, dentro, sem sair, só a pesar
Pesados presentes cansados
Passados rápidos a se suceder
Promessas quebradas, largadas
Caídas nos ermos de mim
Buscando, achando, querendo
Novos ermos habitar
Habitando velhos dilemas
Errando, mas precisando aceitar
O silêncio, é pedra pesada
Passada a ferro, malhada
Malhando meus ermos entalhes
Encruando meus instintos de gritar
O que fui eu, o que fomos nós, o que de nós restará
Se nada nos falta falar
Mate-me logo
À tarde
Às 3
Que à noite eu tenho um compromisso
E não quero faltar...

22/01/2019
Olinda-PE

Bumerangue

Amar feito bumerangue
Bate e volta sem sangue
Nos olhos, nos ouvidos nem no peito
Falta encontrar o espelho

Amar disparado feito flecha
Arrebenta, atravessa
A razão, o querer e tropeça
No que não se vê sentido

Mas vai-se seguindo amiúde
Esperando que o tempo volte
Trazendo de volta o sentido
Do que agora morre

Amar sem amor de volta
É amor bumerangue
Que Bate na parede invisível
E destrói qualquer noção

Volta para dentro donde foi urdido
Cansado, maltrapilho
Mas continua sendo sentido
Solitário, a sós, se mente

Deixando impaciente o sentido
Meio dormido, meio demente,
Desejando que amar só, bastasse
Sem retorno, sem resposta

Amor sem amor de volta...

É uma bosta...

30/01/2019

Olinda-PE

Eu Soul de Sangue

Eu sou dos Becos
Eu sou dos Guetos
Eu sou do fundo do saco
Mas não sou feito da mesma Farinha

Sou feito de pedra de sal bruto
Das profundezas do estar
Sou difícil de lapidar
Sou a morte, sou o luto

Sou dos bares e dos botecos
Cansaço de alguns
Sou a mistura de verbos
Em tempos variados, incertos

A cachaça que desnorteia
A pena pesada que imprime
O corte profundo que vicia
A leveza do aço que fere

Eu sou a verve
Eu sou a veia
Eu sou esteio e prumo
De um lento caminhar sem rumo

Sou feito de carvão e medo
Mormaço das costas alheias
Sou a sarna que aperreia
Sou o estribo, a sela, a peia

Eu sou dos Recifes
Sou dos Becos e das Ladeiras
Eu sou das Olindas
Sou Caboclo, sou Rezadeira

Sou da Beira Mar
Sou do Morro, sou do Manguê
Sou da Viela e da esquina
Sou dito, sou dado, sou de Sangue...

12/03/2019
Recife & Olinda-PE

Solidão

A solidão que me habita
Corrói as lembranças de outrora
A solidão que permeia
Invade os cantinhos de mim

A solidão me preenche
Com as ausências presentes
A solidão que me explora
Promove mergulhos profundos

Estados de solidão perene
Querendo ficar como semente
Ah, solidão tola que se engana
Sozinho sou muito mais de mim

E tenho tantos nele
Esse meu múltiplo estado de ser
Sem gás, sem ar, sem rumo
Dentro de mim e somente

Trago comigo um mundo
A solidão que me cerca
É tola porque pensa que é
E no entanto apenas está

Sendo, ficando, estando
Comigo, em mim e corrente
De água que desce o morro
Como urubu dentro do ovo

08/04/2019

Maceió-AL

Shakespeare Tava Certo (Ou nem tanto)

Estando na vida
Feito bosta na água
Feito sangue na veia
Feito lágrima na face
Que sem motivo, escorre
É levado
Empurrado
E deságua em mágoa e esquecimento
É o mesmo que estar e ser
Why to be or not to be?
Se para to be tem-se que star
Brilhemos no crepúsculo
Assim como no amanhecer
Ouçamos a verdade calada
Dos que não estão nem aí
Daqueles que passam apressados
Sem star nem to be
Pro que pensas de mim
Calemos as conviências
E berremos as incongruências
Das verdades sufocadas pela dor
Caladas pela falta de amor
A si
Ao outro
A to be

E estreemos novos ares de Star
Nunca deixemos de brilhar
Nem no crepúsculo
Nem no SE gostar
Por que to be por to be
Sou mais meu
STAR...

11/04/2019

Maceió-AL

19:26

Ave Eu, Ave Tu, Ave até os buracos do Tatu!

Ah, agora eu quero os Vendavais
Eu quero o desamarro do Cais
Quero a Ave, que me alivia os cornos
Ave, que me desentope os poros
Quero o perdido non sense da virada
Quero a pá, o leme, o rumo
Que vai sendo tragado por mim
Longe de ser meta ou alvo
Quero a miragem do porto a salvo
Que vejo se esvair de mim
Percebo-me um pouco mais ali
A dobrar uma esquina, perigosamente perto dum fim...
Bacamartes e Aves
Que ouço de mim para mim
Soando bem aos ouvidos
Trilhas dum caminho, depois do fim
E "O sangue brota no Horizonte"...
Com "O corpo em chamas pelas ruas, oh yeah..."
No "Dia a Dia" destes tremores remotos
"Seu Valdir" olha daí
"Geórgia, A Carniceira" a me consumir...

01/05/2019

Olinda-PE

A Busca

Agora caço Vaga-lumes
Caço Sereias, Fulozinhas, Serpentes
Qualquer sensualidade que se sente
Serve para me dizimar

Não espero mais de nada,
Nem uma missa
Nem sequer um terço
Do que procuro sem parar

Nem nos prós nem nos nós
Que brotam daquele estar
Deixemos correr solto o leme
Sem prumo, sem rumo, sem pesar

E agora busco o conteúdo,
O complemento, o meu tudo
Que teima, insistente,
A me dizer que há

O Oco mais que presente
Aberto, cavado, concreto
Promove dúvidas no que se sente
E nesta nova forma de me dar

Os prós, os nós, o centro
A cerca, o rumo, o vento
A cadência, a carência, o tempo
Buscando me resgatar...

20/05/2019

Olinda-PE

Ligue o Foda-se (Se, Si, Consigo, Me, Mim, Comigo)

Aos que fodem além da paciência alheia
Aos que trepam além das mangueiras cheias
Aos que sucumbem e se entregam
Sem reservas nem meios termos
Aos que fornicam sem consequências
Aos que metem sem coerência
Aos que cometem sem limites
Aos que dão sem recompensas
Aos que piram na indecência
Aos que motivam as punhetas alheias
Aos que se entregam sem insistência
Aos que satisfazem seus desejos
Aos que fantasiam e vivem
Aos que prometem e dão
Aos que confessam que são
Seres de absoluto tesão!

06/06/2019

Caruaru-PE

Bússola

O poeta que já não sabe amar
Junta misturas, paladar
Para dar sentido ao ser
Para pelo menos estar

Cansado dos versos concretos
Da rima teimosa
Do suave cantar
Desbrava sentidos ao compor

Propõe cantares diversos
Calado, não fala, consente
Busca achar no incerto
O que está diluído no verso

Pressente tempestades de vento
Caçando sentido na busca
Buscando rimar o ausente
Caçando no nada o sentido

Querendo sentir o tudo
Do que havia e já não há
Sem achar sentido no que sentia
Deseja sentir, deseja amar

Procura resposta vã
No sentido que não há
Tentando achar bússola
Que não tenha norte nem rumo

Calado não dá prá ficar
Gritando, ele quer se achar
Falando, nada há de sobrar
Do que ele achava que seria...

19/06/2019
Olinda-PE

Reflexo

Sou eu ali naquele reflexo
No refluxo do tempo
Na espera do novo
Aguardando o aguardado momento

Da Liberdade, da bagaceira, do lodo
A me lambuzar de sonhos e quimeras
Feitas à luz da dor, ou do amor
Quem puder diferenciá-los, grite!

Já não os vejos isoladamente
A mente mente quimeras de verdade
Paz, amor, caridade
Que se derramem sobre mim impunes

A tortura do querer e do saber querer oprime
Na loucura de quem sente falta
E faltando, exalta!
O que há de nada, é luxo!

Para o nada mais haver
Houve um tudo, um querer
Que tudo tinha e nada deixava
A desejar...

Mas agora já não há
Não age, cala, deixa prá lá
O que houve e o que poderia haver
Mas... Falar? Não dá... Nada a declarar...

Sem prós, nem contras
A vida se encontra
Na encruzilhada da decisão
Querendo muito um sim... Recebendo do tudo um não...

Já não há o que esperar
Já não resta nenhum achar
Achando sentido no reflexo
Refluxo de vida recriar...

25/07/2019

Olinda-PE

Sou Uma Bomba Prestes a Explodir (De Gases, de Tédio ou de Adrenalina)

O que quebra e o que renova
São duas faces da mesma instância
Momentos díspares que se cruzam
Em espaço tempo indevido
Cruzando desejos e repulsas
Ocasionando promessas, desculpas
O que renova é força motriz
O que quebra estanca deságues
Que fluem em águas rasas...
Em nada...
E assim vamos catando instâncias e momentos
Que nos caibam, sendo alimento
Das frustrações e desejos
Acalentados por tormentos
Suportados no vão do tempo
Entre o aqui e o agora
Acho-me sedento
Muito represado por dentro
Nada a desaguar para fora
E já que urge a hora
Grito, calado, incenso
Asperso gotículas do veneno

Não sei derramá-lo todo
Borrifo partículas de mim
Espelhando sentidos no que penso
No que ajo...
No que acho...
A me socorrer...

16/08/2019

Olinda-PE

To Be Continued...